



A biografia como instrumento de resgate para a história do jornalismo brasileiro¹

The biography as a rescue tool for the history of Brazilian journalism

Felipe Adam – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) | Ponta Grossa | Paraná | Brasil | felipeadam91@gmail.com |

Sérgio Luiz Gadini – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) | Ponta Grossa | Paraná | Brasil | sergiogadini@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-1537-1387>

Resumo: Este artigo visa compreender de que forma as biografias de três empresários da comunicação ajudam a historicizar o jornalismo brasileiro. São analisadas três obras assinadas por jornalistas: Roberto Marinho (BIAL, 2004); O Bispo: A história revelada de Edir Macedo (TAVOLARO; LEMOS, 2007) e Topa tudo por dinheiro: as muitas faces do empresário Silvio Santos (STYCER, 2018). Como metodologia para avaliação das três obras, aplicaram-se os seis tópicos sistematizados por Vilas Boas (2008), aqui transformados em critérios de análise no jornalismo biográfico. Busca-se, destarte, identificar, na caracterização das protagonistas, as temáticas descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade, transparência e tempo. Por fim, infere-se que as diferentes formas de tratamento dadas às histórias dos biografados têm impactos distintos no modo como se obtém informações a respeito de acontecimentos da esfera jornalística brasileira.

Palavras-chave: Biografismo. História do jornalismo brasileiro. Memória da televisão brasileira.

Abstract: This article aims to understand how the biographies of three communication entrepreneurs help to historicize Brazilian journalism. Three works signed by journalists are analyzed: Roberto Marinho (BIAL, 2004); O Bispo: A história revelada de Edir Macedo (TAVOLARO; LEMOS, 2007) and Topa tudo por dinheiro: As muitas faces do empresário Silvio Santos (STYCER, 2018). As a methodology for the evaluation of the three works, were applied the six topics systematized by Vilas Boas (2008). In this article those topics have been shaped as the criteria of analysis in biographical journalism. Therefore, the search is to identify, in the characterization of the protagonists, the themes of Descendancy, Fatalism, Extraordinariness, Truth, Transparency and Time. Finally, it is inferred that the different forms of treatment given to the biographies histories also have different impacts on the way information is obtained about events in the Brazilian journalistic sphere.

Keywords: Biography. History of the Brazilian journalism. Memory of the Brazilian television.

¹ Versão atualizada do trabalho apresentado no GT-1 Comunicação e Cultura: meios de comunicação e cinema / Sessão: 2 – Jornalismo, Narrativas e Memórias do III Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura – Aproximações com memória e história oral, realizado em São Caetano do Sul (SP), entre os dias 6 a 8 de maio de 2019.



 <http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2019v7n16p122-144>

Recebido em julho 2019 – Aprovado em setembro 2019.



1 Introdução

Este trabalho tem o intuito de entender a construção do jornalismo brasileiro, a partir de três livros biográficos que recontam a trajetória de empresários da comunicação, donos das três maiores emissoras de televisão no Brasil: Roberto Marinho, fundador das Organizações Globo – hoje, Grupo Globo –; Edir Macedo, que liderou a compra e posterior expansão da Rede Record; e Silvio Santos, dono do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Por meio da metodologia do jornalismo biográfico, empregada por Vilas Boas (2008), o artigo objetiva compreender como os tópicos Descendência, Fatalismo, Extraordinariedade, Verdade, Transparência e Tempo são apresentados durante a narrativa biográfica dos protagonistas selecionados.

A propósito, no relatório intitulado “Os donos da mídia no Brasil”, elaborado pela *Media Ownership Monitor Brasil* (2017), são apontados números surpreendentes a respeito de 50 veículos de diferentes segmentos, pertencentes a 26 grupos de comunicação no país. No levantamento, os pesquisadores inferiram que há uma hegemonia na concentração do poder midiático, além da participação religiosa e que “grande parte dos grupos pertencem a famílias que transmitem seus negócios – e suas concessões públicas, no caso de rádio e TV – para as gerações seguintes” (OS DONOS..., 2017). Um dos pontos levantados é que:

Os interesses dos grupos impedem a existência de uma pluralidade de vozes, o embate de opiniões e a coexistência de valores e visões de mundo diferentes. A mídia brasileira de maior audiência é controlada, dirigida e editada, em sua maior parte, por uma elite econômica formada por homens brancos. (OS DONOS..., 2017).

O dossiê ainda indicou dados a respeito das famílias que controlam os veículos de informação e entretenimento no Brasil. A família Marinho, centrada nos irmãos Roberto Irineu, João Roberto e José Roberto, comanda



o Grupo Globo. Segundo o relatório, o patriarca Roberto Marinho expandiu o poder midiático “com os negócios de jornais (1925), revistas (anos 1930) e rádio (1944)” (OS DONOS..., 2017). Mas foi com a criação da TV Globo em 1965 que a abrangência nacional foi concretizada, fortalecida pela compra de emissoras em São Paulo (SP), Recife (PE), Belo Horizonte (MG) e Brasília (DF).

Edir Macedo e a esposa, Ester Bezerra, são os proprietários do Grupo Record de Comunicação. Além da Rádio e Televisão Record S.A., o grupo possui três redes de TV aberta, uma de TV fechada, seis emissoras de rádio, sendo uma em Portugal, um jornal impresso e quatro portais (OS DONOS..., 2017). Um fato curioso são as relações do grupo com outras atividades, vinculadas a empresas de distribuição de conteúdo, fundação social e instituição bancária.

Silvio Santos é o patriarca do clã Abravanel. A história de Senor possui estreita relação com os dois grupos acima mencionados. Primeiro, por ter atuado na TV Globo na década de 1960 e, segundo, por ter vendido a TV Record ao bispo Macedo no fim dos anos 1980. O SBT é a principal empresa de mídia vinculada ao grupo, que ainda possui negócios na área de finanças, cosméticos e hotelarias (OS DONOS..., 2017).

Roberto Marinho, Edir Macedo e Silvio Santos possuem relação com o imaginário social e na opinião pública relacionada à comunicação midiática. Prevê-se que, ao focalizar o trio de empresários a partir de critérios já elencados por Vilas Boas (2008), o trabalho possa resgatar a história do jornalismo através das biografias, gênero este que está em expansão no Brasil desde a década de 1990 (VILAS BOAS, 2002).

Este trabalho está dividido da seguinte forma. Na fundamentação teórica (seção 2), abordam-se os conceitos de memória e identidade; em seguida, o gênero biográfico é analisado como uma oportunidade de se recontar a trajetória de alguém e, por consequência, o contexto em que determinado personagem está inserido (BULHÕES; SOBRAL, 2016) (seção 3). Na quarta parte, os livros selecionados para a amostra são



apresentados. A quinta seção aplica a metodologia através dos seis tópicos do jornalismo biográfico abordados por Vilas Boas (2008). Por fim, são desenvolvidas as considerações finais.

2 Memória e identidade nacional

Bourdieu (2001) alertou que a vida de um sujeito não é possível de se registrar num livro em única ou mais edições ou que determinada história aconteceu daquela maneira, de forma linear. O autor que biografava um indivíduo deve ter em mente que a viabilidade de transformar toda a experiência de alguém num produto a ser consumido se aproxima muito de uma ilusão.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2001, p. 185).

Porém, ao registrar o passado de uma pessoa, também se preserva a memória do indivíduo inserido num coletivo, isto é, um ser singular que, de alguma forma, exerceu e contribuiu com sua atividade no ambiente social. Nessa linha de raciocínio, Halbwachs (1990) estudou o conceito de memória coletiva. Para ele, “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Por mais que o indivíduo busque viver de forma isolada, essa solidão não bloqueia influências de caráter externo. Essa vivência faz reflexo no desenvolvimento de uma memória individual. “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este



lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Halbwachs (1990) mantém o mesmo pensamento ao promover uma aproximação da memória individual com a memória histórica. Segundo o sociólogo, aquela nunca está fechada. O homem, quando quer recordar de algo, busca nas reminiscências de terceiros o entendimento do seu próprio passado. “Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha” (HALBWACHS, 1990, p. 54). Ele esclarece que haveria uma distinção entre a memória autobiográfica e a memória histórica, pelo fato da primeira focar o indivíduo e a segunda, o contexto. Contudo, ambas estão imbricadas, já que a autobiográfica se apresenta de forma densa em significação e a histórica, se resume de maneira esquemática (HALBWACHS, 1990).

Por sua vez, Pollak (1992) sugere que os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares são os três elementos constitutivos da memória individual e coletiva. Além disso, ele expõe que a memória pode também se confundir; não no sentido traiçoeiro, mas por prestigiar alguma lembrança em detrimento a outra. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 203). Em seguida, Pollak assume que a memória não se refere somente ao lado físico do indivíduo. Ela abarca outras características e por isso, é herdada.

Esse último elemento da memória – a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, por ser um fenômeno legado, a memória possui relação com o sentimento de identidade. Como reflexo dessa genética, esse fator se



torna primordial à medida que o indivíduo busca a reconstrução de si e na própria aceitação no grupo em que está inserido. Diante disso, após explanar sobre a valorização da memória e do entendimento de que ela é um tópico social, isto é, lembra-se daquilo que é deixado lembrar, o trabalho parte para a avaliação do gênero biográfico como sendo fonte documental para a construção da história do campo jornalístico no Brasil.

3 Resgate biográfico

Jornalistas brasileiros, enquanto biógrafos, já recontaram trajetórias de empresários ou profissionais da imprensa. Dois livros, em especial, se tornaram obras de referência para estudantes de jornalismo: O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues (1992), do jornalista mineiro – radicado no Rio de Janeiro – Ruy Castro e Chatô: O rei do Brasil (1994), do também mineiro Fernando Morais.

A primeira obra reconstitui os diversos ambientes do biografado entre 1912 e 1980: os detalhes da redação do A Crítica, periódico de Mario Rodrigues, pai de Nelson Rodrigues; a cobertura esportiva no estádio do Maracanã e os bastidores do teatro brasileiro, em especial A vida como ela é². O segundo livro tenta abranger as diversas faces de Assis Chateaubriand (1892 – 1968), homem da política, negócios e artes, além de dono do poderoso Diários Associados, um conglomerado que envolvia jornais, revistas, estações de rádio e televisão. Ambas as obras tornaram-se exemplos de referências biográficas para a história do jornalismo brasileiro, escritas num período em que o gênero se expandia dentro do jornalismo e no próprio mercado editorial.

A propósito, Bulhões e Sobral (2016) realizaram um levantamento de 84 obras biográficas e autobiográficas de jornalistas publicadas entre os

² Peça baseada em contos e crônicas escritos por Nelson Rodrigues ao jornal Última hora durante a década de 1950.



anos 1917 e 2016 com o intuito de estabelecer uma construção da história do jornalismo brasileiro. A pesquisa ainda partiu do recorte de que jornalista seria o profissional que possui a formação na área ou atuava em veículos jornalísticos. Assim, com essas premissas estabelecidas, segundo Bulhões e Sobral (2016, p. 212), o objetivo era “registrar e discutir a biografia e autobiografia como legítima fonte documental capaz de configurar um relato sobre a atividade jornalística do biografado”. Isto é, observar o motivo da escolha profissional, o valor do jornalismo na vida do biografado; enfim, dados sobre a trajetória jornalística (BULHÕES; SOBRAL, 2016).

Embora a internet tenha ampliado o horizonte da acessibilidade, cada vez mais, a exposição do outro e também da vida alheia se torna comum. Frutos de uma civilização movida pelo espetáculo, os livros cujas narrativas preservam o âmbito biográfico são um mercado estratégico dentro do universo editorial, tanto na produção quanto na vendagem. Pesquisa encomendada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) apontou que os assuntos artes; biografias; matemática, estatística, lógica e ciências naturais foram os únicos três segmentos que apresentaram crescimento na produção de títulos, de 2016 para 2017. No caso das biografias, a variação positiva foi de 11,14%. A seguir, o exame das obras escolhidas.

4 Análise das biografias selecionadas para a amostra

Vilas Boas (2002) esclarece que cada escrita biográfica possui um objetivo diferente, motivado também por interesses diversos. Assim, cabe-se um contrato autoral apropriado para cada questão. Para o pesquisador, esses “pactos” podem ser classificados em quatro grupos:

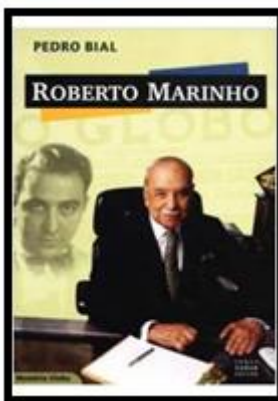
* biografias autorizadas, escritas e publicadas com o aval e eventualmente com a cooperação do biografado e/ou de seus familiares e amigos;



- * independentes (também conhecidas como *não-autorizadas*), em que o biógrafo investiga sem o consentimento formal do biografado ou de seus descendentes;
- * encomendadas (por editores, familiares ou pelo próprio personagem central);
- * ditadas, em que o biógrafo escreve uma autobiografia ou memórias em nome do personagem central, no papel de *ghostwriter*. (VILAS BOAS, 2002, p. 48).

Nas biografias analisadas, conforme será detalhado adiante, a de Roberto Marinho (FIG. 1) pode ser considerada mais próxima de uma biografia encomendada, tendo em vista que o biografado já planejava o seu resgate memorialístico; porém, o plano não foi atingido. Edir Macedo (FIG. 2) propôs uma “reportagem biográfica autorizada” com o intuito de apresentar às pessoas quem era o líder religioso que comandava o Grupo Record. Stycer (2018), por sua vez, pesquisou a vida de Sílvio Santos (FIG. 3) de maneira independente, com o objetivo de desconstruir fantasias em torno do biografado.

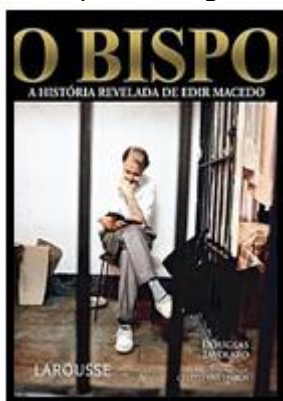
Figura 1 – Capa da biografia Roberto Marinho.



Fonte: (BIAL, 2004).

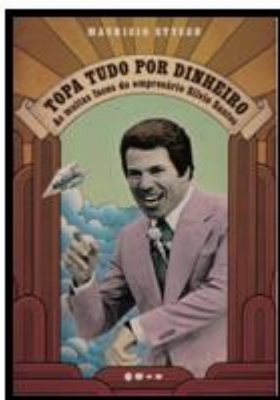


Figura 2 – Capa da biografia O Bispo.



Fonte: (TAVOLARO; LEMOS, 2007).

Figura 3 – Capa da biografia Topa tudo por dinheiro.



Fonte: (STYCER, 2018).

Nessa discussão, inclui-se a reflexão de Maia e Lelo (2013). Ao apresentar as nuances biográficas do jornalista carioca José Castello, quando este biografou o poeta João Cabral de Melo Neto, a autora percebe que o biógrafo participa da escrita e assim, fratura um dos principais cânones jornalísticos: o distanciamento. “Desse modo, aproxima-se do sujeito de maneira a escavar sua vida não de maneira intrusiva, mas como uma forma de tentar compreendê-lo, de tentar se compreender” (MAIA; LELO, 2013, p. 133). Por consequência, embora o autor teça uma linha tênue de envolvimento, essa aproximação faz com que o biógrafo possa também se compreender na história. “Se o repórter não consegue tentar entender quem é o outro nesse processo, corre o risco de tornar-se um ser ‘asséptico’, desprovido de sua própria humanidade” (MAIA; LELO, 2013, p.



133). Essas observações também serão constatadas no decorrer da narrativas dos livros abaixo selecionados.

4.1 Roberto Marinho (2004)³

Em 2004, o jornalista Pedro Bial foi convidado a escrever a biografia Roberto Marinho, pela Jorge Zahar Editor. Além disso, em 2012, a historiadora Maria Alice Rezende de Carvalho publicou, pela Globo Livros, a biografia Irineu Marinho: Imprensa e Cidade. Nela, a autora reconta a trajetória do pai de Roberto Marinho e também fundador do jornal O Globo.

Na introdução, Bial (2004, p. 11) explica que o livro não deveria ser considerado como uma obra biográfica. “Antes, deve ser catalogado sob a etiqueta ‘jornalismo’. Você tem às mãos o que se pretende chamar de ‘grande reportagem’, um ‘perfil’, no jargão das redações”. O autor revela que Roberto Marinho planejava escrever o próprio livro de memórias e, por isso, não permitiu que alguém a escrevesse para não sentir que a história estivesse finalizada. “Tratar de suas memórias, redigir sua autobiografia, ou deixar que alguém fizesse o trabalho, ainda que por ele encomendado, seria reconhecer a finitude” (BIAL, 2004, p. 12). Além disso, ainda nessa apresentação, Bial esbanja bajulação perante ao fundador do Grupo Globo.

Para mim, como para tantos brasileiros, Roberto Marinho era mesmo uma entidade sobrenatural. Para alguns, divina; para outros demoníaca. Sim, é claro que também passei pela lavagem cerebral promovida por certa “esquerda” brasileira, na universidade e fora dela, que a tudo simplificava, enfiando-nos mastigadinho goela abaixo a explicação de toda a tragédia nacional, gente sempre pronta a atribuir todos os males do Brasil ao mais destacado capitalista brasileiro. (BIAL, 2004, p. 18).

³ Desde 2013, o jornalista capixaba Leonencio Nossa trabalha em uma nova biografia do empresário. Em maio de 2019 foi lançado Roberto Marinho: O poder está no ar, primeiro volume que compreende o período de 1904 a 1969, ano de estreia do Jornal Nacional. O segundo tomo, que irá abordar os anos 1970 a 2003, data do falecimento do empresário, está previsto para ser divulgado em 2020, também no mês de maio.



Roberto Marinho faleceu em 2003, aos 98 anos. Casado três vezes, Roberto teve quatro filhos, todos frutos do primeiro casamento: Roberto Irineu, João Roberto, José Roberto e Paulo Roberto; este, falecido em 1970. Sua mais recente esposa, Dona Lily, morreria apenas em 2011.

4.2 O Bispo: A história revelada de Edir Macedo (2007)

Edir Macedo Bezerra é conhecido nacionalmente pela liderança religiosa à frente da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Porém, este artigo irá se limitar na atuação empresarial do Grupo Record, desde a compra em 1989. Escrito pelos jornalistas Douglas Tavolaro⁴ e Christina Lemos, O Bispo saiu pela editora Lafonte e possui 276 páginas. Reflexo de uma pesquisa com 150 entrevistados em 14 meses, espalhados em 13 cidades de sete países.

O livro é classificado pelos autores como uma reportagem biográfica autorizada, e possui dez capítulos. Destes, os que interessam a este trabalho são o sete e o oito - O Articulador e O Acusado, respectivamente. Neles, os jornalistas abordam como foi a negociação pela compra da TV Record - junto aos empresários Silvio Santos e Paulo Machado de Carvalho -, a autorização pelo Planalto em liberar o sinal para o bispo e, ainda, o planejamento da programação bem como a busca por assinantes. Na apresentação do livro - Fio da navalha -, os escritores comentaram como foi a aproximação junto ao biografado.

O primeiro encontro com Edir Macedo confirmou que tínhamos tomado a decisão correta. Para quem não conhece, ele surpreende pela simplicidade. E sinceridade. Assim, de modo objetivo, enxuto, sem rodeios, como é de seu estilo, deixou claro que não queria um livro-reportagem "chapa-branca". Obviamente, não gostaria de ser vilipendiado pelos autores, mas recusava qualquer tipo de bajulação. Ficamos

⁴ No dia 14 de janeiro de 2019, o biógrafo do pastor e até então vice-presidente de Jornalismo da Rede Record comunicou que deixaria a emissora para comandar à implantação da CNN no Brasil, sendo CEO do canal de notícias no país. Disponível em: <https://rd1.com.br/braco-direito-de-edir-macedo-douglas-tavolaro-deixa-a-record-para-cuidar-de-canal-de-noticias/>. Acesso em: 16 jan. 2019.



convencidos de que ele só queria que soubéssemos contar o que tinha para dizer. A partir daí, a angústia acabou. Iríamos escrever o livro para o bispo. E pelo bispo. Para os fiéis e os não-fiéis. Para quem vê nele a consagração da obra de Deus ou para quem ele não merece nenhum respeito. (TAVOLARO; LEMOS, 2007, p. 15).

Tavolaro também participou da escrita da trilogia *Nada a perder*⁵, autobiografia do bispo Edir Macedo publicada pela editora Planeta. Nela, Macedo reconstituiu os obstáculos superados a partir dos desafios impostos. O primeiro volume (2012) descreve Momentos de convicção que mudaram a minha vida; o segundo (2013) Meus desafios diante do impossível e o último (2014), *Do coreto ao templo de Salomão: A fé que transforma*. A propósito, a trilogia foi uma das obras mais vendidas nos anos de lançamento, segundo o site *Publishnews*⁶.

4.3 Topa tudo por dinheiro: As muitas faces do empresário Silvio Santos (2018)

Diversos autores⁷ já abordaram a trajetória do camelô que vendia capinhas de plástico para guardar títulos de eleitor, se tornou locutor na rádio Guanabara, apresentador de caravanas, animador de auditório e dono de emissora de televisão. De fato, *Senor Abravanel* é uma das figuras mais emblemáticas da história da televisão brasileira.

⁵ A obra serviu de roteiro para o filme *Nada a perder*, estreado em 29 de março de 2018. Dirigido por Alexandre Avancini, a cinebiografia foi protagonizada pelo ator Petrônio Gontijo no papel do bispo Macedo e Day Mesquita como a Sra Ester Bezerra.

⁶ O primeiro volume vendeu 293.898 exemplares em 2012 e foi o terceiro livro mais comercializado no Brasil. O segundo título foi comercializado por 849.600 leitores em 2013. O terceiro volume vendeu 870.094 exemplares no ano de 2014. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2014/0/0>. Acesso em: 04 mar. 2019.

⁷ Outras obras a respeito do empresário: *O baú de Abravanel: Uma crônica de sete séculos até Silvio Santos*, de Alberto Dines (Cia das Letras, 1990); *Silvio Santos: O Mestre*, de Helladio Holanda (Clube de Autores, 2016); *Silvio Santos: A biografia*, de Márcia Batista e Anna Medeiros (Universe dos Livros, 2017); *Silvio Santos: Vida, luta e glória*, de Rubens Francisco Lucchetti (Avec Editora, 2017) e *Silvio Santos: A trajetória do mito*, de Fernando Morgado (Matriz, 2017).



A obra mais famosa a respeito da sua vida seria, por muito tempo, A fantástica história de Sílvio Santos (2000), escrita pelo jornalista e então assessor de Sílvio, Arlindo Silva. Nela, o autor detalharia o processo de compra do Baú da Felicidade, a criação do SBT e o impacto de seu trabalho aos domingos. Segundo Stycer (2018, p. 59), Arlindo “foi o maior responsável pela fixação da história e da mitologia a respeito do empresário e apresentador”. Por isso, ele “se tornou a principal referência biográfica disponível, e trechos de seus livros vêm sendo reproduzidos por todos que buscam informações sobre o personagem” (STYCER, 2018, p. 59). Outra forma de reforçar a aura em torno do apresentador foi quando, em 2001, a escola de samba Tradição o homenageou com o enredo “Sílvio Santos vem aí” na Marquês de Sapucaí.

Porém, ao contrário de outras obras já lançadas sobre o comunicador, cujo percurso de vida é sempre dignificado, a biografia mais recente - escrita pelo jornalista Mauricio Stycer e publicada pela editora Todavia em 2018 - tenta desmitificar essa imagem. Aliás, objetiva corrigir dados, estatísticas e demais informações que foram perpetuadas pelos biógrafos anteriores. O autor elenca seis capítulos temáticos para apresentar Sílvio Santos pela perspectiva das múltiplas facetas. “Este livro propõe basicamente um olhar menos reverencial sobre um personagem indiscutivelmente fascinante - um Sílvio além do mito. E busca desfazer equívocos, além de elucidar aspectos até hoje negligenciados pelos biógrafos do empresário” (STYCER, 2018, p. 12).

5 Metodologia pela ótica do jornalismo biográfico

Para poder esclarecer como o campo do jornalismo se identifica com as biografias, Vilas Boas (2008) define a expressão jornalismo biográfico no



livro *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*⁸. Para ele, as ponderações sobre as narrativas biográficas giram em torno de seis aspectos: Descendência, Fatalismo, Extraordinariedade, Verdade, Transparência e Tempo. O primeiro tópico apresentado por Vilas Boas diz respeito à descendência, um fator determinante para a formação humana do personagem. A relação do passado e presente teria um forte teor genético, o qual influenciaria as ações e a modelagem do caráter. “O importante, a meu ver, é não aceitar previamente que o biografado seja mero efeito, mera consequência do que seus pais foram ou deixaram de ser; e não sair à cata de dados sobre pais automaticamente, apenas para indicar que existiram” (VILAS BOAS, 2008, p. 53).

Porém, em uma obra biográfica, falar dos pais é automático. Na trajetória de Roberto Marinho, por exemplo, Bial (2004, p. 84) não consegue fugir da comparação com Irineu, pai do biografado. “Além da prudência aliada ao arrojo, combinação esperta que apreende de Irineu, Roberto, no jogo de espelhos entre pai e filho se conhecendo e reconhecendo como dois adultos, se surpreendeu com uma mania paterna que sua descrição quase sempre conseguia ocultar”. A importância da família também se reflete na vida do líder da IURD, como informa Tavolaro e Lemos (2007, p. 63). “Nos altos e baixos dos Macedo Bezerra, o esteio da família sempre foi a mãe, Eugênia. Ela cuidava da educação dos filhos e da organização do lar (...) Tempos depois, a mãe continuaria exercendo papel singular na vida do filho Edir, como ao se tornar fiadora do primeiro templo”. Já no livro a respeito de Silvio Santos, Stycer (2018) não foca a intimidade ou a ascendência; os poucos comentários são dirigidos a outras histórias já relatadas a respeito do clã Abravanel – mas nada restrito às figuras dos pais, Alberto e Rebeca. “Evitei escarafunchar aspectos da vida pessoal de Silvio neste livro. (...) Mas procurei registrar uma outra questão

⁸ A obra é resultado da tese “Metabiografia e Seis Tópicos para Aperfeiçoamento do Jornalismo Biográfico”, defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (ECA/USP), sob orientação do professor Edvaldo Pereira Lima.



que me inquieta: a confusão que o próprio Silvio ajudou a criar em relação a aspectos de sua vida” (STYCER, 2018, p. 221).

Em seguida, Vilas Boas aponta o fatalismo como tópico muito visível nas biografias escritas por jornalistas. Essa característica é pertinente em várias histórias de vida e ela defende que tudo acontece devido ao destino, isto é, o protagonista estaria fadado ao sucesso, à fama, ao reconhecimento.

Pelo fato de a maioria das biografias disponíveis hoje em dia narrar a vida de pessoas publicamente conhecidas, o fatalismo está diretamente relacionado à faceta carreira/obra do biografado. É como se os biógrafos estivessem nos dizendo assim: meu personagem estava fadado a construir uma obra notável; nada nem ninguém poderia impedir seu extraordinário feito. (VILAS BOAS, 2008, p. 99).

Nesse aspecto, Vilas Boas analisa as biografias de pessoas vivas e mortas. A diferença entre elas se dá no momento da pesquisa e quem sai “perdendo” são os escritores que não conheceram os seus biografados. Caso isso tenha acontecido, perde-se a vivacidade, elemento fundamental para compreender o humano na sociedade. Dos três biografados selecionados neste trabalho, Roberto Marinho foi o único protagonista que estava falecido quando a obra foi lançada. Porém, a vivacidade foi relatada da mesma forma. “Por enquanto, estamos nos anos 30, quando o Zeus da modesta redação do Globo era ele mesmo. Roberto Marinho, com vinte e seis anos, tornara-se o diretor de jornal mais jovem da história da imprensa brasileira” (BIAL, 2004, p. 111). Sem desmentir a informação, Stycer (2018, p. 220) também reconhece a importância do biografado enquanto sujeito estratégico para a história da comunicação no Brasil. “É inegável que Silvio Santos percorreu até aqui uma trajetória única e inimitável. Nunca antes um comerciante, sem vínculos com o mercado de comunicação ou com a política, conseguiu erguer uma rede de televisão”. Na biografia do bispo Macedo, os autores apresentam a visão especial do protagonista.

[Edir Macedo] já externava suas convicções.



- Desde aquela época, o bispo dizia que ir espalhar sua igreja pelo mundo. Ele falava em ter rádio, televisão, um grupo de comunicação forte. Ele falava para meu pai: "Seu Albino, eu vou ter um canal de tevê". Meu pai não acreditava e ria. E a igreja continuava crescendo, cada vez mais forte – conta Alba. - Nunca imaginaria que pudesse ficar desse tamanho. Cresceu muito e de forma rápida – diz seu Albino. (TAVOLARO; LEMOS, 2007, p. 117).

Ser extraordinário é outra característica das biografias jornalísticas. "As pessoas consideradas extraordinárias excitam, orientam, alertam. (...) Esse modelo um tanto autoritário tornou a biografia o veículo de divulgação das criaturas de grande quilate" (VILAS BOAS, 2008, p. 129), o que torna muitos livros semelhantes à idolatria. Nas biografias analisadas por Vilas Boas (2008) - JK, Nelson Rodrigues, Garrincha, Chatô, Mauá, Stefan Zweig e Fidel – todos apresentam essa abordagem; todos os biógrafos indicam que, na área de atuação, seus protagonistas se destacaram porque eram singulares.

O mesmo acontece com os três empresários selecionados para esta pesquisa. Todavia, enquanto apresentam o biografado como um ser extraordinário, os jornalistas também optam em aproximá-lo da realidade. Na obra sobre Roberto Marinho, Bial (2004) abusa de qualidades e conversas com o leitor, o que torna a narrativa enfadonha.

Longe de ser um galã, era irresistível nas artes da sedução. Tinha uma péssima dicção, falava enrolado, baixo em tom e volume; construía frases lapidares, se expressava brilhante e claramente, sempre em busca da palavra justa. Quando jovem, procurou a companhia dos mais velhos. Quando velho, deu poder a jovens. Era extremamente austero com dinheiro (...); mas nunca, nunca atrasou sequer em um dia o salário de seus funcionários. Seu nível de exigência era brutal, porém sua capacidade de reconhecimento semeava afeto no coração dos subordinados. Sua humildade era imperial. (BIAL, 2004, p. 21).



Tavolaro e Lemos (2007) destacam um momento estratégico na figura de Edir Macedo: a quitação das dívidas na compra da Record. O fato é recontado com ares proféticos, como se o próprio bispo tivesse sido abençoado após o lançamento do Plano Collor e conseguido liquidar os valores. “O pacote econômico, que se transformou em terror para a maioria dos brasileiros, virou alívio para Edir Macedo. (...) As dívidas da compra da Record, antes exorbitantes, acabaram pagas com facilidade. Edir passou a zerar duas, até três prestações em um único mês” (TAVOLARO; LEMOS, 2007, p. 159). Segundo a fé do líder da IURD, “o Plano Collor só ajudou a mim no Brasil inteiro, mais ninguém. Sorte? Acaso? Coincidência? Cada um acredite no que quiser. Eu tenho certeza de que foi Deus” (TAVOLARO; LEMOS, 2007, p. 159). Por sua vez, Silvio Santos também foi bajulado pelo recente biógrafo.

São do próprio Silvio as ideias mais ousadas, as mudanças mais radicais, as contratações mais surpreendentes na história do SBT. (...) Passando por cima dos profissionais contratados para cuidar dessas áreas, Silvio construiu internamente a reputação de um gênio indomável. (...) Suas decisões, inquestionáveis, são muito festejadas quando bem-sucedidas e não merecem comentários em voz alta quando dão errado. (STYCER, 2018, p. 176).

A verdade é uma meta a ser perseguida e alcançada a todo momento pelo profissional jornalista. Entretanto, a busca pela veracidade é impossível de obter. “O biografado e o biógrafo são sujeitos no mundo. O mundo está dentro dele, e vice-versa. Portanto, a biografia (livro) é um corpo no mundo, jamais *o mundo*” (VILAS BOAS, 2008, p. 169). Tendo em vista que Edir Macedo e Silvio Santos estavam vivos no momento da publicação, constata-se que a vida inteira não foi registrada. O mesmo acontece com a obra de Roberto Marinho que, embora muita informativa, se esforça em contemplar quase um século da trajetória do biografado.

O ponto crucial é assumir transparência com o público leitor. Aliás, essa categoria é o quinto ponto discutido por Vilas Boas no livro. “Os



biógrafos demonstram em suas obras um 'eu-convincente' ou um 'eu-esquivo'? Infelizmente, a maioria das biografias contemporâneas é narrada oniscientemente, opção-convenção de que os biógrafos necessitam, talvez, para obter aceitação jornalística" (VILAS BOAS, 2008, p. 186). Ele ainda complementa que embora a maioria dos autores-jornalistas não revele o dito eu-convincente, "dificilmente se encontra alguém redondamente contrário a uma biografia mais oxigenada, menos metida e nada megalomaniaca" (VILAS BOAS, 2008, p. 199).

A narrativa de Bial sobre o ex-chefe é recheada de adjetivações. Ao longo do texto, o biógrafo aposta em diversas formas de tratamento – como "amigo leitor" e "companheiro de leitura" – para aproximar o público da realidade de Roberto Marinho, conforme observado neste trecho, quando disserta sobre as provas hípicas. "Uma pergunta impertinente, momento *quis-show* em nossa narrativa, mas não resisto a fazê-la: será que R. Marinho 'fez uma fezinha' em Plumazo? Pelo que já conhece de nosso personagem, o que você acha, aí da tribuna, leitor?" (BIAL, 2004, p. 151).

Já no caso de Edir Macedo, por se tratar de um livro vendido sob o título de "história revelada", a obra causa estranhamento no leitor: sendo uma reportagem autorizada, com a efetiva participação do bispo, todas as informações são desvendadas? Tavoraro e Lemos (2007, p. 158) buscam a isenção em algumas partes do livro. "Procurado durante três meses, Silvio Santos não respondeu a nossos pedidos de entrevista para contar sua versão sobre a venda da Record". Em outras, tentam demonstrar apuração contra o próprio patrão, como quando abordam as sucessivas denúncias que a Rede Globo fez contra a IURD/Record na década de 1990. Sobre a gravação de um vídeo caseiro, gravado em 1995 na Bahia, os autores escrevem numa linguagem apelativa, próxima a certos noticiários televisivos. "Em meio às entrevistas que nos concedeu, ele aceitou falar sobre o assunto. É um depoimento exclusivo, após dez anos de silêncio absoluto. No dia anterior a nossa conversa, (...) Edir assistiu às imagens de Carlos Magno. Queremos saber o que ele sentiu ao ver as cenas"



(TAVOLARO; LEMOS, 2007, p. 200). Stycer prometeu corrigir algumas falsas histórias de Silvio Santos; porém, o que se percebe ao fim da leitura é que o jornalista apenas se baseou em artigos e matérias publicados em jornais, revistas e nas seis entrevistas que realizou para a confecção do texto. A transparência aplicada nesse caso é a sinceridade do autor ao reconhecer que, ao “perceber os erros, procurar corrigir os mitos, apontar truques ou criticar absurdos não diminui em nada o lugar que Silvio Santos ocupa na história” (STYCER, 2018, p. 223).

Por fim, Vilas Boas (2008, p. 238) elege o tempo como o sexto ponto de aperfeiçoamento para o jornalismo biográfico. “Parece-me, por enquanto, que as biografias habituais atendem a um certo escapismo dos biógrafos, que fingem entregar uma história 100% factual, redondinha, com princípio-meio-fim, com verificações facilmente ao alcance, significados totalizantes e coerência global”. Mesmo se os dados estejam à disposição, é difícil recompor a trajetória; por isso, o teórico sugere uma alternativa, baseada em dimensões físicas, psicológicas, de contexto e imprevista. Deste modo, Vilas Boas (2008, p. 239) considera mais razoável que o biógrafo trabalhe com “episódios construídos em pequenos intervalos de tempo”, não necessariamente em uma orientação cronológica.

A biografia de Roberto Marinho se aproxima de uma trajetória mais linear, com recursos que ora retornam à vida de Irineu ora avançam para conquistas que serão destacadas mais à frente pelo biógrafo. Trata-se de uma história de fácil compreensão, sem amarras literárias, mas que cansa pelo excesso de indagações autorais. Já o livro a respeito de Edir Macedo contempla capítulos temáticos, intitulados O Prisioneiro, O Filho, O Indignado, O Amante, O Pregador, entre outros. Quanto à obra sobre Silvio Santos, Stycer optou em realizar uma releitura a partir de assuntos polêmicos, como a relação do biografado com as eleições (De animador de comício a candidato presidencial), o diálogo junto aos concorrentes (Entre Roberto Marinho e Edir Macedo) e o contato com os governos federais (Sou um office boy de luxo do governo).



6 Considerações finais

Além de contar a vida de pessoas, a biografia também serve como um instrumento de resgate histórico do contexto onde o indivíduo está inserido. Esse fato foi observado em todas as biografias analisadas para esta pesquisa, já que os três protagonistas simbolizam – de acordo com a devida proporção e com a área de atuação – personalidades da televisão brasileira.

Entretanto, as biografias em questão também prestigiam em excesso os protagonistas. Enquanto Bial (2004) abusa de palavras que qualificam Roberto Marinho como um ser intocável, Tavolaro e Lemos (2007) se esforçam para revelar confidências inéditas de Edir Macedo – porém, sem muito efeito, já que o bispo é líder não só de uma igreja evangélica, mas também de um grupo de comunicação do qual ambos os jornalistas fazem parte. Ou seja, a biografia favorece uma ilusão retórica, conceito que converge com o que Bourdieu alertou no início deste trabalho.

Stycer (2018), por seu turno, prometia surpreender com o livro, porém, mais que derrubar paradigmas, reúne mais um apanhado das últimas seis biografias de Silvio Santos. Conseqüentemente, pode-se verificar que as três obras se esforçam em traçar um relato independente; contudo, longe do que se espera de uma obra biográfica. Em alguns momentos, tem-se a sensação de ler um livro de autoajuda, em que os empresários são representados pelo sucesso aliado a poucas derrotas, reflexo de suas capacidades extraordinárias.

As biografias dos três empresários, ademais, reforçam importantes nuances do contexto histórico do jornalismo no Brasil, como os bastidores dos jornais A Noite e O Globo, o processo de compra da TV Record e a pouca visibilidade dos noticiários na grade de programação do SBT. Mesmo não sendo a função das obras Roberto Marinho, O Bispo: A história revelada de Edir Macedo e Topa tudo por dinheiro: As muitas faces do empresário Silvio Santos, os livros possuem o mérito de resgatar esse capítulo da



comunicação no país, ao reforçar o uso das biografias como fonte para a construção de uma história do jornalismo brasileiro.

Referências

BIAL, Pedro. **Roberto Marinho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaina Amado Baptista de.; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo. O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro.

Temática, João Pessoa, v. 12, n. 09, p. 206-221, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/30682>. Acesso em: 05 mar. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

MAIA, Marta Regina; LELO, Thales Vilela. Subjetividades em cena no jornalismo biográfico de José Castello. **Mediação**. Belo Horizonte, v. 15, n. 16, p. 121-136, 2013. Disponível em:

<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/1468>. Acesso em: 05 mar. 2019.

OS DONOS da mídia no brasil. Media Ownership Monitor Brasil Mídia.

Reporters Without Borders/ Intervezes, 2017. Disponível em:

<http://brazil.mom-rsf.org/br/>. Acesso em 05 mar. de 2019.

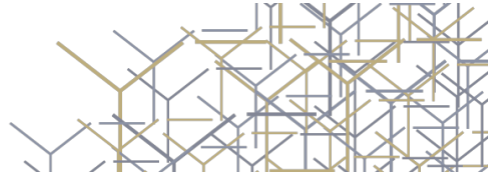
POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>. Acesso em: 04 mar. 2019.

STYCER, Mauricio. **Topa tudo por dinheiro**: As muitas faces do empresário Silvio Santos. São Paulo: Todavia, 2018.

TAVOLARO, Douglas; LEMOS, Christina. **O Bispo**: A história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Editora Lafonte, 2007.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografia e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.



VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida.
São Paulo: Editora UNESP, 2008.